



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)

# Geografia, Políticas e Democracia 3

**Atena**  
Editora

Ano 2019



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)

# Geografia, Políticas e Democracia 3

**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
G345	Geografia, políticas e democracia 3 [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Geografia, Políticas e Democracia; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-720-8 DOI 10.22533/at.ed.208191710  1. Geografia física. 2. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.  CDD 910.02
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Geografia: Políticas e Democracia – volume 3”, cujo título apresenta inúmeras possibilidades, e, sobretudo, provocações ao construirmos e desconstruirmos uma Geografia para o século XXI. Trata-se de uma leitura teórica e empírica oriunda de diferentes pesquisadores que dialogam com análises provenientes das diferentes subáreas da ciência geográfica e áreas afins.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de diferentes enfoques temáticos, ou seja, reconhecendo as diferentes subáreas da Geografia, a saber: Ensino da Geografia, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico e sua interface Econômica e Política, Geografia Econômica, Geografia Agrária e Regional conforme expresso nos nove capítulos que compõem a referida Coletânea.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial na emergência de práticas democráticas.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O CURRÍCULO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Ana Carolina de Figueiredo Azevedo Ana Claudia Ramos Sacramento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
MINHA CASA... E A VIDA? OS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB	
Rayssa Bernardino de Lacerda Maria de Lourdes Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
INADAPTAÇÕES NA FRONTEIRA DA INFORMALIDADE: FAVELAS E CONJUNTOS	
Tales Lobosco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
MICROALGAS: UMA OPORTUNIDADE PARA MELHORAR OS INDICADORES DE SANEAMENTO NO BRASIL	
Renan Barroso Soares Rodrigo Nunes Oss Márcio Ferreira Martins Ricardo Franci Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
A GEOGRAFIA REGIONAL EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
ADVENTURE-TIME: O CRONOTOPO NO ESPÍRITO DO NEOLIBERALISMO DE HAYEK, KEYNES E MISES	
Marcus Antonio de Lyra Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
A TERRITORIALIZAÇÃO DOS BANCOS EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE PRELIMINAR	
Diego Paschoal de Senna Sandra Lúcia Videira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
A FEIRA DE NOVA CRUZ/RN: UMA TRADIÇÃO COMERCIAL DE EXPRESSÃO REGIONAL	
Severino Alves Coutinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>99</b>
A PRODUÇÃO ARTESANAL DA RAPADURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA BASEADA NA COMUNIDADE RURAL JOÃO MOREIRA, SÃO JOÃO DA PONTE - MG	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
Tayne Pereira da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2081917109</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>113</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>114</b>

## O CURRÍCULO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

### **Ana Carolina de Figueiredo Azevedo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Formação de Professores –  
Departamento de Geografia – São Gonçalo – Rio  
de Janeiro.

### **Ana Claudia Ramos Sacramento**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Formação de Professores –  
Departamento de Geografia – São Gonçalo – Rio  
de Janeiro.

**RESUMO:** Entender o currículo é pensá-lo como um objeto dinâmico que resulta das práxis de diferentes atores. Este engloba muito mais que uma grade de conteúdos, visto que ele está também caracterizado para ensinar, o que ensinar e qual intencionalidade do ensino, pois é resultado de interesses que estão em constante disputa, traduzindo as condições histórico-culturais e políticas que se dão no espaço atual. Também consideramos o professor aquele quem colocará o currículo em prática, assim é preciso compreender suas práticas, reflexão e crítica sobre aquilo que está sendo orientado a fazer. Isso deve se constituir no ato de formar o docente, educando esse profissional para o exercício do magistério. Sua ação está envolvida num processo de educar, ensinar, aprender, pesquisar e avaliar. Dessa forma, o trabalho busca entender como o professor de

geografia pensa e estrutura suas aulas a partir do Currículo Mínimo de Geografia do estado do Rio de Janeiro (2012). Assim, apresenta o estudo de caso para pensar. Esta metodologia permite compreender as relações e ações que o objeto estabelece, interpretando seu contexto de modo a haver a apreensão mais completa do caso. O documento curricular de geografia do Estado do Rio de Janeiro não traz nenhuma transformação no ensino, pois é limitada quanto a fundamentos teórico-metodológicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo; Prática Pedagógica; Ensino de Geografia.

### THE CURRICULUM AND THE PEDAGOGICAL PRACTICE IN THE SCHOOLS OF THE STATE OF RIO DE JANEIRO

**ABSTRACT:** To understand the curriculum is to think of it as a dynamic object that results from the praxis of different actors. This encompasses much more than a grid of contents, since it is also characterized to teach, what to teach and what intentionality of teaching, because it is the result of interests that are in constant dispute, translating the historical-cultural and political conditions that are given in the current space. We also consider the teacher who will put the curriculum into practice, so he must understand his practices, reflection and criticism about what



he is being asked to do. This should be the act of educating the teacher, educating this professional for the exercise of teaching. Their action is involved in a process of educating, teaching, learning, researching and evaluating. In this way, the work seeks to understand how the geography teacher thinks and structures his classes from the Minimal Curriculum of Geography of the state of Rio de Janeiro (2012). Thus, it presents the case study to think about. This methodology allows us to understand the relationships and actions that the object establishes, interpreting its context in order to have the most complete apprehension of the case. The geography curriculum document of the State of Rio de Janeiro does not bring any transformation in teaching, since it is limited in theoretical-methodological foundations.

**KEYWORDS:** Curricular policies; Basic education; Minimum Curriculum; Teaching Geography.

## 1 | INTRODUÇÃO

A década de 1990 e as seguintes têm sido marcadas por reformulações curriculares que foram organizadas conforme o contexto de cada época, do ponto de vista social, político, econômico, filosófico, como também o seu espaço vivido e produzido pela sociedade capitalista.

É necessário pensar o currículo como um objeto dinâmico que resulta das práxis de diferentes atores, uma vez que nele se concebem as diferentes formas de conhecimento e práticas. As políticas curriculares constituem o conhecimento escolar em ações externas para a escola, como também a prática cotidiana da escola.

Segundo Libâneo (2005), aqueles que são responsáveis pela educação escolar precisam assumir seu posicionamento sobre as opções pedagógicas, estas que apontam seus objetivos, modos de promover o desenvolvimento e a aprendizagem. Nesse processo estão inseridos os contextos socioculturais e institucionais concretos: “A pedagogia quer compreender como fatores socioculturais e institucionais atuam nos processos de transformação dos sujeitos mas, também, em que condições esses sujeitos aprendem melhor” (*id ibidem*, p. 17).

Além da teoria que o profissional adquire em sua formação inicial, ele, ao longo do seu caminho escolar, vivencia e produz experiências, como também adquire conhecimentos e concepções que o ajudam a entender o seu papel social (CAVALCANTI, 2013).

Portanto, o trabalho busca entender como o professor de geografia pensa e estrutura suas aulas a partir do Currículo Mínimo de Geografia do estado do Rio de Janeiro (2012). A análise das aulas de geografia será feita por meio do estudo de caso, envolvendo três professoras das escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro, uma localizada em Niterói e outra em São Gonçalo.

O estudo de caso metodologicamente contribui na construção de provas dentro da pesquisa, a partir da observação e análise do sujeito e objeto, colocando também

como importante a subjetividade para o conhecimento científico, diferente de outros tipos de pesquisa, porque se torna mais concreto e mais contextualizado. (LUDKE; ANDRÉ, 2013).

Esse texto é parte do projeto de iniciação científica da FAPERJ intitulado *A disciplina de Geografia no currículo do Estado do Rio de Janeiro no contexto da educação básica nacional (2015-2017)* e do projeto de Auxílio à Pesquisa (AQ1) intitulado *As práticas pedagógicas docentes em Geografia e os textos e políticas curriculares nos Estados do Rio de Janeiro e de Goiás*, financiado pela FAPERJ no período de (2016 -) que tiveram e tem como objetivo compreender a geografia presente nos documentos oficiais do sistema de ensino brasileiro.

Logo, este trabalho está estruturado, em um primeiro momento, sobre a proposta curricular de geografia do estado do Rio de Janeiro. Em seguida, faz uma reflexão acerca da importância da prática pedagógica no ensino da mesma disciplina, para compreensão do papel de um professor consciente de suas ações. No terceiro momento, apresentam-se as professoras participantes desta pesquisa, abordando questões acerca de sua formação, tempo de atuação, entre outras informações. Por fim, analisa a prática docente das professoras, como e se elas articulam o currículo em suas aulas e qual geografia está presente em suas práticas.

## **2 | FORMAS DE PENSAR O CURRÍCULO: CURRÍCULO MÍNIMO DE GEOGRAFIA E SEUS ELEMENTOS**

Para iniciar o debate acerca do currículo, é necessário entender o que é currículo. Segundo Lopes; Macedo (2011), as definições permeiam na ideia da organização de experiências e situações de aprendizagens que podem ou não serem previstas, essas que são realizadas pelos professores ou redes de ensino para conduzir o processo educativo. Assim, durante sua trajetória no campo educacional, o currículo teve como significado tradicional a organização de diferentes matérias/disciplinas que dão uma sequência lógica ao conhecimento escolar.

No processo de construção curricular é importante pensar em diferentes elementos e agentes, isto porque é um movimento que envolve relações de poder, não há neutralidade na escolha dos elementos que compõem um currículo (AZEVEDO; SACRAMENTO, 2017).

As discussões que permeiam o currículo não são meramente técnicas, compreendendo que este é intrinsecamente ligado e guiado por questões sociais, políticas e ideológicas. O currículo não é um objeto neutro, é nele que são expressas as relações de poder, produzindo assim identidades individuais e sociais particulares (MOREIRA; SILVA, 2001, p. 7-8).

A escola tem um importante papel ideológico no sistema capitalista. Por isso, quando a proposta é analisar um currículo, faz-se necessário compreender as

relações ideológicas, de poder, sociais e, principalmente, as políticas educacionais que são impostas por diferentes governos.

Portanto, o que existe é uma política do conhecimento oficial que é expressa no currículo através de conteúdos descritivos do mundo, em grande maioria, concepções que privilegiam alguns grupos e marginalizam outros (APPLE, 2001, p. 59-60). O currículo se torna um instrumento que se modifica de acordo com cada época e, conseqüentemente, com o governo vigente, transformando a forma de pensar e a estrutura escolar que se espera para cada sociedade.

O Currículo Mínimo de Geografia foi criado em 2012 pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Sua elaboração está associada às mudanças econômicas e políticas do estado, dando respostas às corporações e instituições internacionais.

Em estudos anteriores Silva (2015), Pereira (2016), Azevedo; Sacramento (2016) fazem um levantamento sobre as condições da criação do CM e a necessidade de mudanças nas políticas públicas educacionais no Rio de Janeiro. O CM direciona quais são os conteúdos e os conceitos mínimos para que os professores possam seguir e os alunos realizarem as avaliações externas e internas.

O Currículo Mínimo do Rio de Janeiro (2012) acompanha reformas educacionais que estão sendo desenvolvidas no mundo globalizado. Isto é, é um documento curricular pautado numa matriz por competências, que possui o foco na avaliação do desempenho e forte viés meritocrático (tanto para professores como para alunos); evidenciando os interesses de políticas neoliberais na configuração desse documento oficial.

Analisando seu processo de construção e a forma com que este foi imposto sobre as escolas, é a avaliação que vai determinar até onde os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo currículo, ou seja, a avaliação é como o controle do produto (o currículo).

Desta forma, este é um currículo que possui uma perspectiva tradicional, onde a qualidade do ensino será testada a partir dos exames internos e externos, como os currículos que são propostos por Bobbit e Tyler (SILVA, 2015, p. 142).

Além disso, o Currículo Mínimo é constituído por uma matriz pautada por competências, construindo o conhecimento escolar por um viés de educação neotecnista. Compreende-se que as competências estão articuladas aos conteúdos, conhecimentos e teorias; entretanto, as habilidades são marcadas pela ação, não sendo compreendidos de maneira isolada (CARDOSO; HORA, 2013).

A discussão introdutória no documento da parte da Geografia é breve, apresentando os propósitos dos conteúdos e conceitos nas divisões sugeridas, sendo efetivamente mínimo, não tem como alvo transformar o ensino. Destarte, observa-se na análise uma tensão de concepções, pois este foi escrito por uma comunidade disciplinar de Geografia do Rio de Janeiro que traz suas concepções teóricas para o documento e pela própria cristalização de determinados conteúdos que são

considerados clássicos na disciplina.

Desta forma, por vezes este tem uma ou mais concepções que não se relacionam com a proposta bimestral seguinte. Exemplo: o 7º ano retrata as paisagens naturais no primeiro bimestre a partir de uma concepção estritamente determinista, sem considerar outras questões pertinentes atuais. Aqui não se trata de questionar a importância de compreender os aspectos físico-naturais, mas efetivamente como estruturá-la para além disso. Depois, no 2º bimestre a discussão é sobre a regionalização do Brasil. Esta não se relaciona com o 1º bimestre e nem trata da questão da formação territorial. A forma de organização deste bimestre faz mais uma discussão da região por meio da geografia quantitativa e geoeconômica, bem como pontua a ideia da regionalização.

Os conteúdos de geografia apresentam uma abordagem fragmentada a partir da estrutura N-H-E (Natureza – Homem – Economia), presente também em seus livros didáticos. O autor Ruy Moreira (2014) debate esta questão ainda muito presente no ensino de geografia contemporâneo, o surgimento dessa estrutura N-H-E tem como intenção apresentar a geografia de uma maneira linear.

Na análise do Currículo Mínimo de Geografia (2012), pode-se perceber que essa estrutura ainda está fortemente presente, identificada no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, mesmo estando ultrapassada e em crise desde a década de 1980. Reforçar essa estrutura e negar uma reflexão que esteja voltada à totalidade, traz abordagens rasas e não faz efetivas problematizações.

O documento propõe metodologicamente concepções atuais da disciplina em sua discussão introdutória, mas o que se nota é que ela é fragmentária e as “ditas atuais”, quando se apresentam, é de forma descritiva e pouco analítica. Assim, as concepções teórico-metodológicas estão divididas entre uma abordagem direcionada à Geografia Tradicional e à Geografia Crítica. Apesar de diferentes, faz-se uma mistura no Currículo Mínimo como se elas se complementassem.

Este documento, em prática, continua reproduzindo antigas propostas que foram criadas como controle do Estado para se definir o papel que cada estudante tem no sistema escolar. Assim, é de seu interesse que nas escolas haja uma disciplina fortemente presa ao livro didático, que está desconectada da realidade do aluno e tenha cunho memorizador.

Assim, a importância da prática docente, estudar a escola e o seu cotidiano é fundamental, pois fazem parte do processo de constituição do conhecimento escolar.

### **3 | A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

A fim de compreender a prática pedagógica no ensino de geografia, é fundamental definir o que seria aquela, sendo que ela é múltipla e complexa. Verdum (2013) busca em Freire (1986) entender a concepção de prática pedagógica adjetivada pelo termo dialógica, sendo um processo de construção do conhecimento a partir do professor e

do aluno, direcionando a aprendizagem para uma leitura crítica da realidade.

Dessa forma, a prática pedagógica não é reduzida às questões didáticas ou metodológicas de estudar e aprender, ela pode e deve estar articulada a uma “educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares.” (FERNANDES, 1999, p.159, apud VERDUM, 2013, p.94).

Segundo Vasconcelos (1995, apud Verdum, 2013, p. 100), a elaboração de um planejamento pedagógico se dá a partir de três dimensões da ação humana consciente: *realidade, finalidade e mediação*. Essas dimensões dão consistência à prática pedagógica, pois pensa-se no ponto de partida (o quê?) e o caminho a ser seguido, construindo o processo de ensino e aprendizagem de maneira dinâmica e dialética.

Portanto, a aula é o momento em que há efetivamente a prática pedagógica, pois constitui por completo a forma das relações professor-aluno-escola. Segundo Veiga (2008), é nesse momento que o pensar e o agir docente acontecem, envolvendo o novo e as situações imprevistas; sendo um espaço de múltiplas relações e interações, de formação humana e da produção cultural.

Para Sacramento (2012), as ações didáticas acontecem nas aulas, na maneira como o professor conduz e produz o conhecimento escolar, principalmente pela forma como aquele faz a mediação do saber: analisando os aspectos fundamentais do ato de ensinar, refletindo seus objetivos nas diferentes metodologias de ensino que direcionam o processo de aprendizagem, e utilizando os conhecimentos prévios dos alunos para construir um conhecimento científico.

Mediar o saber para o professor é se tornar ponte entre o aluno e o conhecimento, contribuindo para que este aluno aprenda a pensar e a questionar, saindo, portanto, de uma relação passiva em que o professor transmite as informações e o aluno armazena.

É importante que o professor de geografia direcione suas ações didáticas para a construção dos conceitos e conteúdos acerca dos espaços e vivências do aluno, contribuindo para uma aprendizagem crítica do saber. Logo, o educador rompe com a ideia de uma prática pedagógica ligada à pura transmissão de conhecimento, como algo que se coloca no processo de ensino e aprendizagem instrumental.

O ensino ocorre a partir do momento que os professores estimulam o desenvolvimento cognitivo do aluno por meio de situações didáticas que o auxiliem a uma aprendizagem significativa (SACRAMENTO, 2012, p. 185). Assim, no ensino que tem como concepção desenvolver o aluno, a escola precisa atuar como mediadora, para que este atinja a compreensão do conhecimento.

Por muito tempo a teoria e a prática caminharam de forma separada, predominava-se a ideia de teoria ligada ao conhecimento científico e a prática centrada na dimensão da escola e dos professores.

Portanto, é necessário pensar essas duas dimensões como um conjunto

indissociável da realidade. Assim, não é a teoria que irá ser determinante para a prática, mas, na verdade, é na prática educativa que teoria e prática se articulam de maneira racional. Isso é fundamental para a ciência geográfica, pois existe a “necessidade de articular o saber com as práticas sociais, articular o saber geográfico com seu significado social” (*id ibidem*, p. 88).

Segundo Sacramento (2014), o professor de geografia possui o papel de construir metodológica e didaticamente a aprendizagem, pensando a partir de estratégias para que os alunos possam compreender os próprios conceitos da disciplina, fazendo com que estes sejam capazes de perceber e identificar elementos sociais, físicos e culturais no espaço.

Assim, Cavalcanti (2013) entende que esse conhecimento construído pelo professor deve buscar referências a partir dos conhecimentos geográficos acadêmicos e didáticos, e a própria geografia escolar.

Assim, objetiva-se neste momento, compreender como as três professoras de geografia utilizam e compreendem o Currículo Mínimo (2012). Para isso, foram analisados questionários e fez-se a observação das aulas de alguns professores que participaram da pesquisa.

### 3.1 Contextualizando os sujeitos da pesquisa

A docência é atividade profissional que possui uma ação contínua e progressiva, na qual seu exercício envolve saberes específicos, pedagógicos e os construídos nos espaços da experiência. Ser professor vai além de “dar aulas”, segundo a autora, contribui para pensar o professor de geografia como uma atividade profissional, pois é uma profissão que possui um conjunto de funções que ultrapassam as paredes da sala de aula (VEIGA, 2008, p. 18-19).

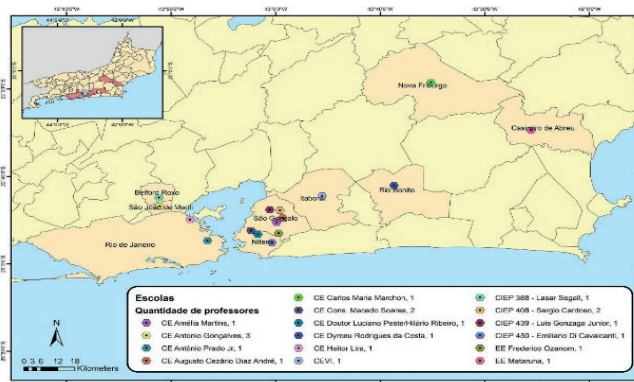
Assim, a autora defende a docência como uma atividade especializada, com características fundamentais e intransferíveis, necessitando de conhecimentos específicos para exercê-la.

O professor é um dos profissionais com a necessidade de se estar em constante atualização. No entanto, há condições que precisam ser garantidas ao professor para que ele consiga articular o seu trabalho com uma formação continuada. Essa articulação do estudo/trabalho potencializa o direito de uma valorização profissional pela própria função social do ser professor (VEIGA, 2008).

A fim de entender a prática pedagógica dos professores que participaram da pesquisa, é preciso conhecer quem são esses profissionais. Portanto, é importante saber sobre a área em que atuam, sua formação, tempo de profissão e a quantidade de aulas semanais. Para este trabalho, foi feito um recorte na pesquisa, visto que analisou-se trinta e quatro professores participantes.

Os professores desta pesquisa estão alocados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, exceto Nova Friburgo e Casimiro de Abreu, visto este estar localizado

numa área mais rural, e as outras escolas em áreas urbanas; como apresentado no mapa 1 a seguir:



MAPA 1: Quantidade de Professores por escola e por municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Evelyn Castro, 2016.

Assim, as observações das professoras participantes foram realizadas no CIEP 450 – Emiliano Di Cavalcanti, que fica no município de Niterói, no período do segundo semestre de 2016. No primeiro semestre de 2017, no CIEP 041 – Vital Brazil e, no segundo semestre deste mesmo ano, no CIEP 439 – Luiz Gonzaga Junior, ambos localizados no município de São Gonçalo.

Dessa forma, a pesquisa objetivou analisar a prática das professoras. Estas foram escolhidas de acordo com a disponibilidade e localização da bolsista. A observação se deu no CIEP 450 com a PRJ 1, CIEP 041 com a PRJ 15 e por último, no CIEP 439 com a PRJ 9.

Destarte, a PRJ 1 atua na rede estadual há 18 anos no Ensino Fundamental com uma carga horária de 16h semanais; a segunda professora (PRJ 15) possui 8 anos de profissão, atuando tanto na rede estadual quanto na rede privada no segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio, com uma carga horária de 30h semanais, por fim, a terceira professora (PRJ9), que está há 11 anos atuando nas redes municipal e estadual no segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio, com uma carga horária de 46h semanais.

Outra questão relevante é acerca da formação, a PRJ 1 e a PRJ 15 foram formadas pela UERJ-FFP e a PRJ9 pela UFF, esta com especialização em Educação Básica com ênfase em Ensino de Geografia na UERJ-FFP em 2016.

#### 4 | A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS PROFESSORAS DE GEOGRAFIA

Entende-se que as escolhas feitas pelo professor no processo de ensino e aprendizagem não são neutras, assim como as do currículo institucionalizado. O que diferencia as ações didáticas dos docentes e a forma como esse desenvolve e constrói o currículo na sala de aula tem relação com sua formação, assim como as

estratégias que este irá traçar na produção do conhecimento.

Com relação à primeira professora (PRJ 1), foi possível observar apenas cinco aulas, isto porque a bolsista enfrentou muita burocracia para ter autorização de frequentar a escola como estagiária, e, concomitantemente, os professores da rede estadual passaram por um longo período de greve, o que resultou na observação de poucas aulas já no fim do ano.

Esta professora demonstrou trabalhar ainda com uma geografia tradicional com base positivista (localização, observação e descrição). Suas aulas são planejadas a partir dos conteúdos exigidos no Currículo Mínimo (2012), isto é, ela buscou em livros de geografia, atividades que atendam às competências e habilidades para aplicar nas aulas e dar notas.

A professora justificou essa metodologia afirmando que devido ao longo período de greve, havia a necessidade de pontuar os alunos, de modo que pudesse entregar as notas do ano.

As atividades eram simples, descritivas e não exigia dos alunos um aprofundamento dos conteúdos de forma crítica e complexa, ou seja, eram exercícios de fixação.

Assim, pelas aulas observadas, nota-se que a professora que não reflete muito acerca de sua prática, usando fortemente elementos de uma pedagogia tradicional, aplicando conteúdos com caráter de memorização, atrelados a métodos avaliativos (provas), mesmo que o momento de observação se traduza como um acontecimento atípico.

Em sua resposta ao questionário, a PRJ1 afirma que “A geografia contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, é uma disciplina que oferece a oportunidade de pensar e entender como as relações humanas e o trabalho são capazes de modificar o espaço natural.” Apesar desta assertiva, as aulas da professora não expressam essa realidade, pois apresentam uma geografia com forte viés tecnicista.

A professora justifica o uso integral do Currículo Mínimo (2012), afirmando que são feitas avaliações que exigem que os alunos dominem conteúdos específicos. Todavia, para ela o currículo “É o conjunto de conteúdos a serem trabalhados na sala de aula”. Portanto, seu uso também se dá por entender que o currículo é uma grade de conteúdos que devem ser trabalhados de maneira integral.

A observação das aulas da PRJ 15 se deu durante um semestre (aproximadamente 13 semanas de aulas), o que possibilitou uma análise ampla das escolhas realizadas quanto às metodologias de aprendizagem. Logo nas primeiras aulas, foi possível perceber que existe uma dificuldade de planejamento quanto ao que é ministrado durante as aulas. Durante o semestre, observou-se as aulas do 6º, 7º e 9º anos e em todas as turmas os conteúdos eram vistos nos momentos anteriores de entrar em sala, pesquisados, sobretudo, nos livros didáticos.

As aulas eram baseadas principalmente na exposição dos conteúdos, no livro



didático e no Currículo Mínimo (2012). Sendo assim, a metodologia utilizada na maioria das vezes era a transmissão de forma tradicional e descritiva, conduzida por uma pedagogia tradicional, direcionada exclusivamente a partir dos conteúdos estabelecidos no documento. Não contribuindo para o desenvolvimento de um conhecimento crítico nas discussões geográficas.

Em seu relato, a professora justifica o uso do Currículo Mínimo (2012) por conta da obrigatoriedade e que esta orientação/direção vai haver independente do local onde o profissional vai atuar. A grande questão não é a obrigatoriedade do uso deste documento, mas sim como o professor pensa e faz a mediação do conhecimento.

Não é possível desconsiderar todos os problemas educacionais que fazem os professores decidirem por utilizar o mínimo proposto pelo currículo ou o livro didático. Todavia, é importante destacar que o professor é o profissional que possui a capacidade e o saber específico para planejar e pensar suas ações didáticas.

De acordo com Sacramento (2012), a aula se torna o momento em que o professor precisa desenvolver a articulação entre o aluno e o saber, a partir do seu trabalho consciente e por meio da interação entre os conhecimentos específicos e os pedagógicos que possam contribuir para a aprendizagem cognitiva do aluno.

O desenvolvimento da pesquisa no CIEP 439, como já escrito, teve início no segundo semestre de 2017, e a observação aconteceu em turmas de Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos). Assim como as outras duas professoras, a PRJ9 utiliza o livro didático e o Currículo Mínimo (2012), entretanto, a forma como ela o utiliza difere das demais.

Apesar de relatar ter 14 turmas, a professora sempre aponta como fundamental o planejamento de suas atividades e, para isso, dedica um dia da semana. Ela, em sua prática, utiliza elementos mais da geografia crítica e diferentes recursos dos quais não são muito complicados, como trechos de depoimentos de donos de terra e integrantes do MST (2º ano), estes que não estavam no livro didático, construção de um mapa de relevo (1º ano) e mapeamento das usinas de produção de energia no Brasil e no mundo (3º ano).

Assim, ela sempre se atentou a desenvolver atividades com diferentes recursos didáticos independente do conteúdo. Encontrando-se sempre aberta a aprender e praticar. Esta professora é a que mais tentou desenvolver os conteúdos para além do Currículo Mínimo (2012) e do livro didático.

## 5 | CONCLUSÃO

Compreender a geografia que está sendo apresentada no currículo, é perceber que não se tem nada de efetivamente novo na proposta curricular do Estado do Rio de Janeiro, na disciplina de Geografia. O que se tem é uma forte relação com uma tendência pedagógica conservadora, tradicional e tecnicista, que molda os conteúdos,

conceitos e temas.

Nota-se que o principal interesse do Estado na elaboração do documento é produzir um conhecimento moldado e que se estrutura em uma lógica neoliberal, materializando no currículo uma sociedade capitalista através do domínio da educação e das disciplinas, como foi possível compreender na geografia.

A profissão docente possui características e identidade profissional própria, o professor precisa ser um profissional consciente de sua prática, pois sem a consciência, a disciplina escolar acaba perdendo a legitimidade e importância social.

A pesquisa se desenvolveu também no ambiente escolar, em que assistimos às aulas das professoras que responderam o questionário, para compreender que tipo de prática pedagógica e de geografia desenvolviam em sala. As professoras PRJ 1, PRJ 9 e PRJ 15 adotam o Currículo Mínimo (2012) como referência.

No entanto, fora identificado que as professoras PRJ1 e PRJ 15 conduzem a disciplina de forma mais tradicional, com o uso do livro didático e com exercícios que não buscam a emancipação dos alunos. Estes, portanto, são colocados mais como armazenadores do conhecimento do que como sujeitos da aprendizagem. A PRJ 9, apesar de também adotar o currículo e utilizar o livro didático, busca uma pedagogia mais reflexiva, aulas com diferentes situações de aprendizagem para que o aluno seja o sujeito do conhecimento. Mesmo encontrando dificuldades, é uma professora que possui engajamento com o processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, questiona-se muito o professor transmissor de conteúdo que parte de um modelo técnico, pois o que se deseja do profissional é que ele consiga, a partir de sua prática, transformar o conhecimento científico naquele conhecimento a ser ensinado.

Contudo, o profissional docente precisa estar aberto a diferentes estratégias e mudanças, pois os alunos, que são os responsáveis pelo trabalho educativo, possuem desejos e são atraídos pelo novo e interessante. É fundamental aprender a ensinar geografia constantemente, renunciando aos modelos idealizados de escola e alunos.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Repensando Ideologia e Currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávia Barbosa. (org) **Currículo, cultura e sociedade**. 5ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2001. p.39-57.

AZEVEDO, Ana Carolina Figueiredo; SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. O currículo mínimo de geografia e a discussão do modelo N-H-E dentro das habilidades e competências. In: XIII Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. Belo Horizonte: **Anais...**, 2017, pp. 2525-2537.

CARDOSO, Micheli da Cruz; HORA, Dayse Martins. Competências e habilidade: alguns desafios para a formação de professores. In: XI Jornada do HISTEDBR: A Pedagogia Histórico-Crítica, a Educação Brasileira e os desafios de sua instituição, Cascável-PR. **Anais...** 2013, pp. 1-16.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação.** In: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (Orgs.). Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. Campinas: Alínea, 2005. pp. 15-58. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Documents/Mestrado/Teorias-Pedagogicas-modernas-Libaneo.pdf. Acesso em: 25 de abril de 2019

LOPES, Aline Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

LUDKE, Hermengarda; ANDRÉ, Marli Eliza Damásio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2ª ed. São Paulo: EPU, 2013.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, Yan Marllon da. **O papel do currículo no atual contexto neoliberal: uma análise do currículo mínimo de geografia e dos seus conceitos de região, território e paisagem.** 2016. 133 f. Monografia (graduação em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. **A consciência e a mediação: um estudo sobre as didáticas contemporâneas dos professores de geografia da rede pública de São Paulo e do Rio de Janeiro.** São Paulo: Tese de doutorado, FFLCH-DGEO-USP, 2012.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. O papel dos professores na escola pública enquanto mediador: algumas reflexões. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. **Anais...**, pp. 1-12, 2014.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: **Currículo Mínimo 2012.** 2012. Disponível em <[http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/curriculo\\_aberto.asp](http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/curriculo_aberto.asp)>. Acessado em: 28/05/2017.

SILVA, Suzana Campos. **O Ensino de Geografia no contexto das Políticas Públicas Educacionais: uma análise das Avaliações Externas, do Currículo Mínimo e dos Professores de Rio Bonito – RJ.** 234f. Dissertação (Mestrado em Humanidades). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

VEIGA, Ilma Passos. A. Docência como atividade Profissional. 1ª ed. In: Ilma Passos Alencastro Veiga; Cristina D'Avilla. **Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas.** Campinas -SP: Papirus, v. 01, 2008, pp. 13-21.

VERDUM, Priscila. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? **Revista Educação por Escrito – PUCRS**, v.4, n.1, pp. 91-105, jul. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Documents/Textos/o%20que%20%C3%A9%20a%20pr%C3%A1tica%20pedag%C3%B3gica.pdf.> Acesso em 09 de abr. 2019.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Gustavo Henrique Cepolini Ferreira** - Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando em Geografia – USP. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: *No chão e na Educação: o MST e suas reformas* (2011), *Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil* (2011), *Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem* (2013), *Agroecologia, Alimentação e Saúde* (2014), *Gestão Ambiental* (2015), *Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais* (2016), *Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais* (2016), *Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas* (2017), *Atlas de Conflitos na Amazônia* (2017), *Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa* (2018), *Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2* (2019), *Geografia Agrária* (2019), entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### B

Bancos 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 93

### C

Campesinato 99, 106, 109

Cronotopo 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74

Currículo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12

### D

Direito à cidade 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23

Direito à moradia digna 13, 14, 15, 22, 23

Discurso 60, 61, 64, 68, 69, 72, 73, 74

### E

Ensino de geografia 1, 5, 8, 11, 12, 113

Esgoto 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48

### F

Favela 25, 26, 28, 30, 32, 33, 37

Feira 83, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

### G

Geografia financeira 77, 78

Geografia regional 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58

### H

História do pensamento geográfico 49, 50

### I

Ideologia 11, 60, 74

### L

Lagoa 38, 93

### M

Microalgas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Modernidade 25, 26, 33, 37, 58, 64, 89

### N

Neoliberalismo 60, 61, 74, 113

Norte de Minas Gerais 99, 106, 107, 112

Nova Cruz 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

## **P**

Política 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 60, 61, 62, 64, 66, 70, 71, 73, 75, 76, 89, 95

Portugal 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Prática pedagógica 1, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12

Produção do espaço 19, 25, 26, 36, 37

Programa Minha Casa Minha Vida 13, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24

## **R**

Rapadura artesanal 99

Richard Hartshorne 49, 50, 51, 52, 57, 58

## **S**

Saneamento 18, 38, 39, 40, 45, 46, 47

Serviços e equipamentos públicos 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23

## **T**

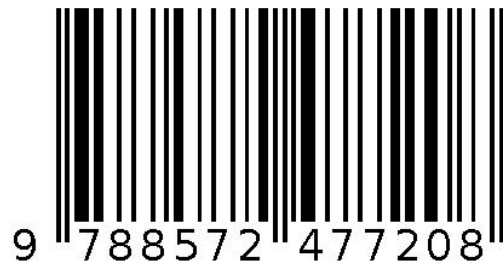
Tradição 51, 88, 91, 92, 94, 97, 105

## **U**

UASB 38, 39, 40, 42, 44, 45, 48

Urbanização 25, 30, 98

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-720-8



9 788572 477208